

## PREFÁCIO

### **Declinar a vibração da vida**

A pedra de toque desta obra de Albertino Gonçalves é a vertigem, uma repentina névoa do olhar que o leva a perder nitidez, associada a um ligeiro desequilíbrio que complica os movimentos, baralhando os gestos e as acções humanas. O sociólogo cujo olhar, por natureza epistemologicamente calculado e vigiado, se deixe tentar pela vertigem deste desequilíbrio humaniza todavia o conhecimento, aproximando-o da condição humana e das figuras que a exprimem, não apenas a ambivalência e o desassossego, mas também o enigma e o labirinto.

A vertigem é um desequilíbrio presente nas circunstâncias, no aleatório e nas emoções. É um desequilíbrio presente na intensidade precária das relações, nas variações dos sentimentos amorosos, no estremeamento dos corpos diante da sua disformidade ou declínio, e também da sua exuberância, enfim, nas incoerências ideológicas e nas mobilidades existenciais e profissionais. Como figura de conhecimento social, a vertigem alude à falta de garantias no caminho que nos leva ao outro, e também às escolhas e aos riscos das nossas ligações, hoje bem mais marcadas pela ambivalência do que pelas ideias de projecto, plano de carreira, grandes objectivos e planificação da vida a longo prazo. Na vertigem, os passos por onde vamos a caminho são de desequilíbrio e de desassossego, pois que não nos garantem origem, fundamento, território e identidade. Aliás, a origem, o fundamento, o território e a identidade, ou na linguagem poética de Sophia de Mello Breyner, a rocha, o cabo, o cais, que outrora desenhavam um mapa de lugares conhecidos, estilhaçaram-se, na vertigem de um tempo acentrado, acelerado, de mobilização total, ou nas palavras de Sloterdijk, de “mobilização infinita”.

Temos sido governados nas últimas décadas pela vertigem da crise e do fim. Com o afundamento das nossas crenças tradicionais e o processo de deslegitimação geral, a vertigem tomou o nome de crise da razão histórica, crise do sentido, enfim, crise do humano. E ouvimos falar também de outras vertigens: crise das grandes narrativas, crise da verdade, adeus ao corpo e advento do último homem.

A vertigem da crise e do fim anda associada ao risco, uma vertigem do começo dos tempos modernos, que assinala um traço geral da vida humana. A vertigem do risco veio acrescentar uma dimensão nova à nossa

experiência, ao substituir, *grosso modo*, aquilo que era significado pelo termo latino *fortuna*. O risco indica que as nossas decisões podem ter resultados inesperados, que não são endossáveis à cosmologia, nem exprimem o sentido escondido da natureza ou as intenções ocultas de Deus, nem resultam do cálculo de uma razão que seja instância última de decisão. A generalização da vertigem do risco em todos os sectores da experiência — risco tecnológico, ecológico, capital de risco, risco nos investimentos, risco no casamento, no relacionamento íntimo, comportamento de risco — coloca o homem perante os seus limites e impede-o de confiar na vida eterna e nas instituições que lha garantiam.

Somos, é verdade, um lugar de travessias e de passagens e o nosso destino é sacudido pela vertigem do fragmentário, do marginal, do profano e do mundano. Por outro lado, as figuras da dobra, da prega, do requebro e da concavidade assinalam uma outra vertigem, a do carácter viscoso, sinuoso, titubeante e labiríntico da condição humana. Entretanto, as práticas humanas, que habitam o quotidiano e a interacção de uns com os outros, inclinam-nos para uma alquimia social em que a história se converte em natureza e a contingência devém eternidade. Nestas circunstâncias, sendo viscosa a trama do social e inesperados os efeitos da acção colectiva, as trajectórias individuais e os processos sociais tornam-se opacos e enganosos.

Na hora em que a ciência instalou e entronizou os procedimentos correctivos e ortopédicos, certificando rotinas e conformidades, eficiências e utilidades, sendo, além disso, de uma sisudez que gela com saber positivo o mais tímido sopro de vida e de imaginação, Albertino Gonçalves propõe-nos um olhar social, que tanto acode à exaltação da banalidade quotidiana, nas festas populares, nas práticas desportivas e nas práticas de consumo, como desoculta as máscaras e os rituais de que os poderes se recobrem, como descodifica até os protocolos mais elementares em uso nos média, designadamente na publicidade, e também na ciência, de que é exemplo o inquérito sociológico, como se entranha, finalmente, pelos sobressaltos e pelas longas esperas da errância emigrante, no caso dos portugueses em Paris. Este olhar que se apega à superfície das coisas, fixando-se no quotidiano das gentes e dos indivíduos, e que tanto o pode surpreender na vertigem da excitação, como na vertigem da melancolia, escolhe todavia o fundamental, porque desde Flaubert o sabemos, é no quotidiano que se decide a vida humana em profundidade.

Marcada pela mobilidade e pela errância, e também pela “clivagem interior”, a nossa existência é hoje pontuada por múltiplas separações e ambivalências, a que Albertino Gonçalves chama “perversidades”, enfim, por múltiplas transições e passagens, que compreendem exílio, solidão e clandestinidade, e da mesma forma, excitação, efervescência, emoção.

Como tem sido salientado pelo pensamento sociológico de todas as épocas, a atenção colocada nas escolhas ambivalentes dos actores sociais tornou-se particularmente necessária, quando se trata de analisar dinâmicas que decorrem do encontro entre identidade e alteridade, dado o facto de a ambivalência constituir a natureza mesma desta dinâmica.

É pelo facto de haver múltiplas acções não lógicas, ao lado das acções lógicas, que a parte de sombra é de uma indubitável importância na estruturação do dado individual e social da acção colectiva. A tradição bíblica, que organizou simbolicamente o Ocidente, já havia assinalado esta passagem de um estado paradisíaco e indiferenciado ao estatuto de humano, limitado e contingente. Ao fazer entrar ao mesmo tempo na história do mundo o pecado e a mentira, o mito bíblico figurava então a ambivalência primordial das práticas humanas, tanto dos indivíduos como dos grupos.

É este o caminho proposto ao leitor pelo magnífico ensaio sociológico de Albertino Gonçalves. A indagação sobre a natureza das práticas e das classificações sociais coloca-nos na senda da sua irremível vertigem e viscosa ambivalência, reconduzindo-nos ao quotidiano, prosaico umas vezes, exaltante, outras, em que a existência humana se decide.

Moisés de Lemos Martins